Raduan Nassar, um intelectual combativo

I- Introdução

Por iniciativa de professores dos departamentos de Letras e de Filosofia, da Universidade Federal de São Carlos, o presente documento vem propor ao Conselho Universitário (ConsUni) a concessão do título de *Doutor Honoris Causa* ao escritor Raduan Nassar.

No Regimento Geral da UFSCar, pode-se ler, no Título IV, "Dos Títulos Honoríficos", o artigo 77: *"O título de Doutor Honoris Causa será concedido a personalidades eminentes que tenham contribuído para o progresso da Universidade, da região ou do País, ou que tenham se distinguido pela atuação em favor das Ciências, das Letras, das Artes, ou da Cultura em geral, mediante indicação justificada do Reitor ou proposta fundamentada, aprovada pela maioria absoluta de um Conselho de Centro ou Conselho Superior".*

Formou-se, com esse propósito, a comissão, que redigiu e assina este documento, composta pelas Professoras Doutoras Maria Sílvia Cintra Martins, linguista, poetisa e tradutora, e Tânia Pellegrini, Professora Emérita pela UFSCar, ambas do Departamento de Letras, e o Professor Titular Wolfgang Leo Maar, do Departamento de Filosofia. A sugestão proveio da Diretora do Centro de Ciências Humanas, Professora Doutora Maria de Jesus Dutra dos Reis, para que a primeira, em função de seus estudos e publicações em torno da obra de Nassar, com ênfase nas traduções de "Lavoura Arcaica", viesse a presidir tal comissão, depois constituída pela Professora Pellegrini, como estudiosa de Literatura Brasileira e da obra do escritor, e pelo Professor Maar, por ter sido quem primeiro apresentou uma moção de homenagem ao eminente escritor brasileiro.

A comissão apresenta, a seguir, uma proposta fundamentada, que busca contemplar os diversos itens previstos para a concessão do título honorífico, na UFSCar. Trataremos, assim, de ressaltar, por meio de exemplos e colocações de caráter reflexivo, o quanto Nassar é merecedor dessa honraria, ao preencher não apenas um dos requisitos necessários para a concessão, mas todos. Em primeiro lugar, sua contribuição para o progresso de nossa Universidade, por meio da doação de uma propriedade para nosso quarto campus, o da Lagoa do Sino. Em segundo lugar, sua distinção como intelectual combativo, ao contribuir para o progresso de nosso país, no rumo da construção de uma sociedade mais

humana e democrática. E ainda, sua qualidade excepcional de escritor, sempre atuando de forma progressista em favor das Letras e da Cultura.

Faz parte do histórico desta iniciativa, a moção que pretendia dirigir ao Consuni o Professor Maar, da qual apresentamos um trecho:

"Com muita alegria a comunidade da Universidade Federal de São Carlos congratula-se com V.Sa., com cumprimentos pelo recebimento do Prêmio Camões, o mais alto reconhecimento literário do mundo da literatura em língua portuguesa.

Sua obra de denso conteúdo libertário em nosso contexto cultural e seu engajamento por um futuro democrático e igualitário para o nosso país, muito honram o Brasil e a nossa Universidade em particular, que distinguiu com sua generosidade. Tal como sua escrita, sua fala ao receber o prêmio, que não pôde calar na clara denúncia dos tempos sombrios a que submetem o povo, impõe por si própria o silêncio da história aos incomodados com seu teor combativo e iluminista.

Feliz a nação que conta entre os seus com um intelectual e humanista desse porte, com seu compromisso a um tempo brasileiro e universal".

II - A contribuição de Raduan Nassar para o progresso da Universidade Federal de São Carlos: o campus Lagoa do Sino

Iniciamos com menção à importância particular de Raduan Nassar para a nossa Universidade, e, nos demais itens, pretendemos nos referir ao Nassar escritor e intelectual, assim como às ressonâncias de sua obra no Brasil e no exterior. Baseamo-nos, de início, na reportagem "Fazenda de escritor vira campus da UFSCar em Buri", datada de 15/11/2015.

Inaugurado oficialmente em 26 de junho de 2014, o campus Lagoa do Sino, em Buri, na macrorregião administrativa de Sorocaba, a seis quilômetros de Campina do Monte Alegre, é o quarto campus da UFSCar. Desde o início de 2014, ali se oferecem três cursos de graduação: Engenharia Agronômica, com ênfase em agricultura familiar; Engenharia Ambiental, com foco em sustentabilidade, e Engenharia de Alimentos, focado em segurança alimentar, todos em período integral e com duração de cinco anos. Conta hoje com aproximadamente quatrocentos alunos. Desse total, 98% são do Estado de São Paulo, e 65% oriundos das cidades da macrorregião administrativa de Sorocaba, como Angatuba, Itapetininga, Buri, entre outras.

Raduan Nassar doou a propriedade de 640 hectares para a UFSCar, e as atuais instalações, onde ficam a sede administrativa, as salas de aulas, a biblioteca, os laboratórios e o restaurante universitário, situam-se em parte das casas que já existiam na fazenda, pois essa era uma das demandas do escritor: as construções da fazenda deveriam ser preservadas. A escritura de doação da Fazenda Lagoa do Sino para a UFSCar foi assinada no dia 03 de fevereiro de 2011. O campus também mantém a produção agrícola que já existia na fazenda, principalmente porque os cursos oferecidos são todos voltados para a agricultura, sobretudo a agricultura familiar, o que corresponde a 70% das propriedades rurais da região. "Atualmente a produção agrícola do campus está voltada para o cultivo de soja, feijão e trigo. Além das aulas teóricas, os alunos aprendem na prática sobre as atividades agrícolas, já que a região possui um dos maiores índices do Produto Interno Bruto (PIB) agrícola do Estado e ainda se destaca como a maior produtora de grãos e cereais paulista", segundo informou Gustavo Fonseca de Almeida, o assessor da Diretoria de Articulação Institucional. De acordo com Almeida, o potencial da produção agrícola da região é tão grande, que já atraiu o interesse de grandes cooperativas agrícolas, como a Castrolanda e a Batavo, do Paraná. No ano passado, iniciaram atividades em Itapetininga, que se localiza a 54 quilômetros. Segundo Almeida, "O papel da universidade nesta região é contribuir para formar mão de obra especializada no potencial regional, e com isso ajudar a elevar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) local, que é um dos mais baixos do Estado".

Conforme pudemos averiguar, em reportagem datada de 18/09/2017, no diário da Reitoria da UFSCar, nossa Reitora, Wanda Hoffmann, em reunião com o escritor, no último dia 12 de setembro, assinou a repactuação da doação da Fazenda Lagoa do Sino à Universidade. A assinatura do acordo, que estabeleceu novas metas a serem cumpridas pela Instituição em sua atuação no referido campus, consolida a doação da propriedade à UFSCar, pois estabeleceu-se agora um novo pacto de doação. “É um momento muito importante para a nossa Universidade e para a consolidação do Campus Lagoa do Sino. A partir desse novo acordo, vamos abrir muitas possibilidades para intensificar e aprimorar nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão na região de Buri, uma das mais carentes do Estado de São Paulo”, afirmou Hoffmann, por ocasião da assinatura da repactuação.

III- A distinção de Raduan Nassar como intelectual combativo

No nosso contexto de debate político, o escritor Raduan Nassar é presença, de certo modo, recente. Mas já parece eterno, de tanto que se configura como rocha em sua integridade.

“Não podia me calar”. Com esses termos, Raduan Nassar comentou muito recentemente as palavras firmes de seu próprio pronunciamento na entrega do Prêmio Camões, em 16 de fevereiro deste ano. Os principais veículos do país repercutiram intensamente os fatos. As palavras de Raduan Nassar assumem significado ainda mais grave quando proferidas por quem, ainda em 2012, entrevistado pela revista Piauí, finalizava com seus modos polidos: *“Aqui entre nós, falando baixinho: prefiro o silêncio.”*

O rompimento com o silêncio, assim, foi em sua visão uma necessidade que se impôs por uma situação em que era preciso se manifestar. A situação, ocorrida após 2012, foi exposta de maneira clara. Em recente entrevista na revista Cult, Raduan afirmou que nunca deixou de se manifestar sobre a situação política do país, especialmente após o impeachment de Dilma Roussef. Seu posicionamento político segundo ele veio do pai, João Nassar, libanês de origem síria que *“vivia como fugitivo no próprio país”.*

Com seu discurso, Raduan Nassar inseriu a si e ao público, de pronto e sem meios termos, na dura realidade brasileira. *“Vivemos tempos sombrios, muito sombrios”*. Tempos nada azuis em nosso Brasil, *“atrelado ao neoliberalismo com sua escandalosa concentração da riqueza, o que vem desgraçando os pobres do mundo inteiro.”*

A tomada de posição na atual conjuntura *“é do que não me furto, porque é um escárnio o que está acontecendo no Brasil”*, afirmou o intelectual em entrevista concedida em agosto ao “Le Monde Diplomatique – Brasil”. E assegurou: *“com todas as críticas que podem ser feitas à esquerda, penso que suas novas propostas rumo a uma nova sociedade seriam o melhor caminho, diante de um mundo tão desigual.”* Contudo para levar isso em frente faltou um trabalho de base e *“a participação popular ficou à mercê da mídia de direita, especialmente os telejornais diários”.*

Mas, embora, por sua agudeza, os tempos atuais tenham motivado as manifestações acima, a vida inteira do escritor foi marcada, de modo profundo, pelo engajamento por uma forma de sociedade pautada por justiça, equidade e

democracia. Desde cedo, a questão social constituiu-se como tema prioritário. Sua preocupação generosa com a realidade social do povo conduziu a uma proximidade com a igreja católica socialmente engajada. Além do impacto dos posicionamentos do pai, sentido desde menino, tanto em sua obra, quanto em sua vida prática de produtor rural, Raduan Nassar vivenciou, durante três décadas, a experiência da difícil e árdua realidade rural em nosso país. Nesse sentido, como expressou em entrevista à Revista Cult, notou *"a baixa autoestima de muitos lavradores, que teriam vergonha de ser identificados com a sua profissão".* A transferência de propriedades aos lavradores, bem como a construção de casas e a edificação de um centro comunitário de estudos do trabalhador rural seriam, para o escritor, nas suas próprias palavras, *"uma tentativa talvez utópica de mudar essa realidade".* Para ele, para usar a expressão de um ensaio de 1981 publicado na Europa, a *"corrente do esforço humano"* do trabalho social orientado aos próprios trabalhadores seria uma peça decisiva a mais para erigir uma sociedade digna de ser vivida por todos, sem exceção e desprovida dos pressupostos de propriedade, raça e nacionalidade.

Um tal compromisso social, com coragem e consistência, certamente, *de per si,* destaca Raduan Nassar como uma referência e um merecedor do título a ser concedido pela UFSCar.

IV - A distinção de Raduan Nassar em favor das Letras e das Artes

A obra literária de Raduan Nassar continua provocando reações, ora de profunda reverência, por parte daqueles que compreendem a grandeza de uma produção literária pouco volumosa, e aceitam a decisão do autor (*sui generis*) de abandoná-la tão cedo, para se dedicar, como ele ironicamente disse, "à criação de galinhas"; ora de reticência, mas apenas em função de parecer a alguns que o escritor ainda terá papéis guardados na gaveta, ou em algum outro lugar, de onde poderá subitamente despontar o restante de uma obra tão sucinta. Estes esperam, cautelosos, antes de se pronunciar a seu respeito. Essas obras, dois romances, uma novela e uma coleção de contos, são, respectivamente, "Lavoura Arcaica" (1975), "Um copo de cólera" (1978) e "Menina a caminho" (1994), aos quais se acrescentaram outros textos esparsos, na publicação de sua *Obra Completa*, em 2016. Neste volume foram reunidos, inclusive, os títulos de mais de duzentos e setenta estudos acadêmicos, resenhas, ensaios e críticas e eles dedicados.

É fato que, logo após a publicação de “Lavoura Arcaica”,Tristão de Athaíde, crítico importante na época, ao recomendá-lo para o prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras, alertava para o livro impressionante, produzido por um jovem estreante, que tangia questões regionais, nacionais e universais, em estilo incisivo. Estudiosos e críticos de calibre, como Leyla Perrone Moisés, demonstraram perplexidade e admiração, particularmente diante de uma arquitetura narrativa elaborada e de uma linguagem que se afastava dos recursos mais usuais e populares da época, sobretudo a tentativa de captar a linguagem do jornalismo e do cinema, praticada por muitos escritores naquele momento de expansão do mercado cultural, em que a ditadura militar (1964-1985) instava ao engajamento dos intelectuais progressistas. Nassar respondeu aos desafios do momento com sua prosa instigante e de profunda ressonância crítica, pela qual receberia, em seguida, os prêmios Jabuti, em 1976, e APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte), em 1978.

A excelência e a originalidade de seus poucos textos, tanto em relação aos temas, profundamente ancorados em conflitos sociais, humanos e familiares ancestrais, revisitados com extraordinária sensibilidade e lirismo (“leitura atenta da vida que acontece fora dos livros”, como ele mesmo diz), quanto em relação a sua expressão formal, absolutamente primorosa, levaram-no a figurar também no segundo número dos *Cadernos de Literatura Brasileira*, em 1996. Já então, o autor era lido e estudado como um dos mais importantes da nossa literatura, desde a segunda metade do século XX.

Seus dois primeiros romances, publicados em década marcada por uma situação política específica, culturalmente materializada na censura, mostraram um escritor com perfeito domínio dos códigos estético-literários que, num estilo muito particular, prestava contas à realidade brasileira, questionando-lhe os limites implícitos e explícitos. Por meio de tramas aparentemente simples, Nassar critica acidamente as várias formas de dominação, o patriarcalismo, a violência, a opressão de gênero e de classe, com toda a sutileza de suas contradições. Consegue desnudar assim o quadro ideológico dominante nos anos da repressão, o cerne das discussões políticas, em que,sob a ditadura, as várias posições de esquerda lutavam pela melhor forma de ocupar o pouco espaço restante para a ação ou a esperança.

Depois do inegável sucesso junto a um público específico e a uma crítica especializada, no Brasil, as traduções para línguas estrangeiras foram se dando, ainda de forma lenta, dentro de um panorama que certamente deverá se alterar em breve, após a consagração do autor, no ano de 2016, com o Prêmio Camões de Literatura, considerado o prêmio mais importante da língua portuguesa, o que confirma sua contribuição para o enriquecimento do patrimônio literário e cultural de nossa língua. Até o momento presente, *“Ancient Tillage”*, publicado na Inglaterra no início de 2016, é a quarta tradução de *“Lavoura Arcaica”* para uma língua estrangeira, após *“Labor Arcaica”*, publicado na Espanha em 1982. *“Un verre de colère suivi de La maison de la mémoire”* (publicação conjunta das traduções de *“Um copo de cólera”* e *“Lavoura Arcaica”*) apareceu na França, em 1985, e *"Das Brot des Patriarchen"* foi publicado na Alemanha, em 2004. Para o francês, já foram traduzidos separadamente *“Um copo de cólera” (“Un verre de colère”*) e *“Menina a caminho”* (*“Chémins”*). Para o alemão, “Menina a Caminho” apareceu como “Mädchen auf dem Weg”, em 1982, e “Um Copo de Cólera”, como “Ein Glass Wut”, em 1991. Vale lembrar, ainda, as traduções, adaptações ou transposições para o cinema de “Um Copo de Cólera”, pelo diretor Aluizio Abranches, em 1995, e de “Lavoura Arcaica”, por Luiz Fernando Carvalho, em 2001.

Todos esses elementos ajudam a reafirmar a excelência de sua literatura, sobretudo a de sua primeira obra, cuja recepção foi saudada por críticos de destaque, na época, o que levou o autor a começar a ser traduzido em várias línguas. Vale dizer que a literatura brasileira, com alguma exceção dos nossos clássicos, era ainda objeto de pouco interesse no exterior. Assim, importa sublinhar sua recepção inicial, no Brasil, extremamente favorável, e, no caso das traduções, daremos relevo, aqui, a sua recepção na Alemanha, em função de relato que nos forneceu o próprio tradutor do romance, Berthold Zilly, professor aposentado de Literatura da Universidade Livre de Berlim e professor visitante na Universidade Federal de Santa Catarina, tradutor para o alemão, entre outras obras brasileiras, de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa.

Dentre os críticos brasileiros do período, o jornalista e escritor Octávio de Faria, para quem o Nassar da estreia já se apresentava como um escritor maduro, sentiu dificuldades para classificar “Lavoura Arcaica”: poesia filosófica,

prosa poética ou romance lírico? Modesto Carone, professor de literatura alemã na FFLCH/USP e amigo pessoal de Nassar, argumentaria a favor da classificação como romance lírico, graças à linguagem opaca, própria da poesia: “(...) não é de surpreender que alguns possam achar difícil a leitura de Lavoura arcaica, pois, na medida em que se distancia do modo de narrar naturalmente, o romance de Nassar exige um tributo de discernimento estético para revelar sua generosa energia criadora”. Para Alceu de Amoroso Lima, tratava-se de uma novela trágica impressionante e magistral, “numa atmosfera bem brasileira, mas dominada por um sopro universal da tradição clássica mediterrânea”. Em 1976, José Carlos Abbate, jornalista e amigo do escritor, destacou o enfoque na marginalização do ser humano na sociedade brasileira, assinalando a dificuldade de leitura de livros como “Lavoura Arcaica”, segundo ele "um labirinto de temas, faturas, imagens e tendências, uma espécie de poema-cíclico”. E ainda: “Romance com reflexão crítica, que transmite ao leitor recursos para confrontar significativamente a sua história e a história de outros homens, Lavoura arcaica não é livro fácil e, apesar da explosiva carga lírica, exige o atento trabalho da inteligência do leitor”. Para o sociólogo Octávio Ianni, haveria, em “Lavoura Arcaica”, a sinalização da restrição da liberdade individual dentro de um mundo regrado pela cultura: *“A casa e a cidade estão metidas no mesmo circuito fechado que organiza a existência do indivíduo. As suas tensões engendram-se, atam-se e encalacram-se umas às outras, graças aos desencontros da vontade, às diferenças dos significados, à dissociação entre atos e falas”.* Hélio Pólvora, jornalista e crítico literário, associou a escrita psicológica de Nassar a de Virgínia Wolf; José Cláudio, em publicação de 1977, na Folha de São Paulo, vê na escrita de Nassar o estilo muxarabi: *“Lembra treliças, peças de cobre tendo na borda desenhos gravados à mão, linhas pontilhadas (...) o ornato, o detalhismo suntuoso dos mosaicos e das tapeçarias e jóias".* Alfredo Bosi, em sua História da Literatura Brasileira, ao associar a escrita de Nassar àquela de Graciliano Ramos e Osman Lins, destacou um padrão que *“resiste em meio aos cacos do mosaico pós-moderno e significa a vitalidade de um gosto literário sóbrio que não renuncia à mediação da sintaxe bem composta e do léxico preciso”.*

Em encontro com Raduan no Espaço Cult, neste ano de 2017 - ou seja, 42 anos após a publicação da Lavoura Arcaica - em que se reuniram Augusto Massi (USP), Luciana Wrege Rassier (UFSC), Sabrina Seldmayer (UFMG), o

jornalista e crítico literário Manoel da Costa Pinto e o cineasta Luiz Fernando Carvalho, podemos escutar, em versão disponível online, depoimentos como estes: *"a obra do Raduan, pra mim, ela é sempre contemporânea"*; *"ele surge num momento de ditadura militar, todo mundo fazia uma literatura combativa, e hoje a gente percebe que a literatura do Raduan naquela época já era mais combativa"; "você encontra ali grandes metáforas políticas que se encaixam como uma luva para o momento atual brasileiro"; "o Raduan ensina a gente a pensar que às vezes nós mesmos temos e carregamos traços autoritários"*. Berthold Zilly, já citado, por sua vez, comentou, sentado na plateia: *"Raduan não é apenas um grande escritor, um grande poeta, é um grande conhecedor do coração humano. Eu conheci melhor a mim mesmo e a meus filhos, sei melhor o que é família e sociedade graças a você".*

A tradução de Lavoura Arcaica para o inglês só saiu em 2016, mas, já em 1985, uma resenha assinada por María-Tai Wollf foi publicada em importante revista acadêmica, a Luso Brazilian Review, da Universidade de Wisconsin, Estados Unidos:

"Após Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Osman Lins, encontramos poucos romances fortes e novos no Brasil (...) Nas últimas décadas, os escritores de prosa parecem evitar, quase programaticamente, a continuidade e desenvolvimento do romance como gênero, dando lugar às histórias curtas. Nassar busca explorar o funcionamento interno de uma linguagem mais 'tradicional', para determinar como nós podemos 'laborar' com ela e dentro dela, com a finalidade de lograr obter um trabalho que seja novo e que seja propriamente nosso. O romance absorve, mas também subverte e desenvolve, os ritmos e fórmulas do sermão".

Em 1982, quando da publicação de *Labor Arcaica* na Espanha, um artigo no jornal *El País*, assinado por Blás Matamoro, ressaltou o lirismo da obra de Nassar, e seu caráter crítico. Já em 1985, momento da tradução para o francês com o título *"La Maison de la Mémoire"*, Leyla Perrone-Moisés comentaria em *La Quinzaine Littéraire:*

"Agora que acabou o 'boom' da literatura latino-americana, é tempo de descobrir nesses países alguns escritores que ficaram de fora das falsas expectativas criadas pela moda. País marginal no conjunto latino-americano, por sua diferença lingüística, racial e cultural, o Brasil produz escritores muito

diversos. A exceção é a regra. Raduan Nassar é um desses casos particulares (...)"

"Um Copo de Cólera", que chegara à Alemanha antes de *"Lavoura Arcaica"*, havia sido um sucesso de crítica, de tal forma que Nassar já era conhecido dos leitores alemães quando da chegada de *"Das Brot des Patriarchen",* em 2004. Foram publicadas resenhas em importantes jornais alemães nesse ano. Hans Christoph Buch, crítico literário, ensaísta e escritor, afirmava em *Die Zeit*, o principal semanário alemão: *"O livro de Raduan Nassar é uma obra-prima, uma rara exceção na indústria literária que nivela tudo".* Segundo o professor e tradutor Berthold Zilly, "Lavoura Arcaica" chegou à Alemanha, por um lado, em momento em que já havia exaustão com relação à literatura latino-americana; por outro, dentro de certa desconfiança que o leitor alemão nutria com relação a certa escrita grandiloquente ou excessivamente sentimental. Ou seja, foi em ambiente relativamente adverso que a escrita de Nassar conquistou a simpatia dos leitores alemães, seja pelo conteúdo político e combativo que nela se podia vislumbrar, seja pela força estética e transnacional que comportava.

De fato, além da importância indiscutível de seus temas e situações, extremamente atuais, caros a qualquer indivíduo vivendo nas sociedades modernas, a força vital e questionadora do autor repousa, na sua produção rica e profundamente densa, em uma experiência literária única, ainda pouco tocada pelas mudanças estruturais provocadas pela consolidação de uma indústria da cultura e da literatura no Brasil.

Datam e assinam este documento:

São Carlos, 16 de outubro de 2017

____

Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins

____

Profa. Dra. Tânia Pellegrini

____

Prof. Dr. Wolfgang Leo Maar